

## **Martinho Lutero *vis-à-vis* o Método Histórico-Gramatical e o Método Histórico-Crítico**

*Martin Luther vis-à-vis the Historical Grammatical Method and the Historical Critical Method*

*Doaldo Ferreira Belém*

### **Resumo**

Mais que professor, Lutero era um leitor da Bíblia. E tão importante era para Lutero seu amor pela Bíblia que, embora a Teologia Bíblica enquanto ciência tenha surgido a partir da palestra proferida por Johann P. Gabler na Universidade de Altdorf, em 30 de março de 1787, pode-se dizer que Lutero era um “teólogo bíblico” em mais de um sentido. Isso levanta o seguinte questionamento: se confrontarmos Lutero vis-à-vis o Método Histórico Gramatical, suas contribuições são inegáveis. Por outro lado, e quanto ao Método Histórico-Crítico? Mesmo distante dois séculos, haveria alguns indícios, alguns caminhos apontados, algumas “sementes” plantadas? Por isso, para responder a esta pergunta desafiadora, o presente artigo procura “confrontar” Lutero vis-à-vis tanto o Método Histórico Gramatical quanto o Método Histórico-Crítico. Para tal, primeiramente se procederá a uma conceituação tanto do Método Histórico Gramatical quanto do Método Histórico Crítico. Com essas conceituações, será mostrado que o Método Histórico-Crítico, ao invés de ser compreendido como “rival” do Método Histórico-Gramatical, pode ser compreendido como um aprimoramento e desenvolvimento deste – pelo que as “sementes” plantadas por Lutero para o Método Histórico-Crítico tornar-se-iam mais evidentes.

**Palavras-chave:** Martinho Lutero. Métodos Históricos. Reforma Protestante. Teologia.

## Abstract

More than a teacher, Luther was a reader of the Bible. And so important was Luther's love of the Bible that, although biblical theology as a science grew out of Johann P. Gabler's lecture at the University of Altdorf on March 30, 1787, Luther can be said to be a "biblical theologian" in more ways than one. This raises the following question: if we confront Luther vis-à-vis the Grammatical Historical Method, his contributions are undeniable. On the other hand, what about the Historical-Critical Method? Even two centuries away, would there be some indications, some paths pointed out, some "seeds" planted? Therefore, to answer this challenging question, the present article seeks to "confront" Luther vis-à-vis both the Grammatical Historical Method and the Historical-Critical Method. To this purpose, first, a conceptualization of both the Grammatical Historical Method and the Critical Historical Method will be carried out. With these conceptualizations, it will be shown that the Historical-Critical Method, instead of being understood as a "rival" of the Historical-Grammatical Method, can be understood as an improvement and development of the latter – so that the "seeds" planted by Luther for the Historical-Critical Method would become more evident.

**Keywords:** Martin Luther. Historical Methods. Protestant Reformation. Theology.

## Introdução

Mais que professor, Lutero era um leitor da Bíblia. Envolvido com a Bíblia, viveu seus dilemas interiores; e nela encontrou uma saída. E, também com ela envolvido, propôs a divulgação clara de sua "descoberta" entre toda a cristandade.<sup>1</sup> Tão importante era para Lutero seu amor pela Bíblia que, não detendo nenhuma posição "oficial" dentro da Igreja, ele se via até o final de sua vida "apenas" como professor das Sagradas Escrituras,<sup>2</sup> um "doutor juramentado" em Bíblia, que se alegrava em ter a oportunidade de fazer jus a

---

<sup>1</sup> RIOS, C. M., Lutero e a Centralidade de Cristo na Exegese, na Reflexão Teológica e na Pregação, p. 227.

<sup>2</sup> ROPER, L., *Living I Was Your Plague*, p. xi.

esse juramento.<sup>3</sup> Típica é a impressão de Lutero de Josué 1,8, “Este livro da lei não se apartará da vossa boca”: “Esta é uma promessa esplêndida para aquele que gosta de ler, estuda a Bíblia e o faz com diligência”.<sup>4</sup>

O amor de Lutero pela Bíblia pode ser bem aquilatado por essa declaração poética:

Por isso deixa de lado tuas fantasias e sentimentos e considera esta Escritura como o mais elevado e precioso de todos os santuários (...). Aqui encontrarás as fraldas e as manjedouras em que Cristo jaz deitado, lugar que também o anjo indica aos pastores. As fraldas são simples e ínfimas, mas é precioso o tesouro que nelas se encontra: Cristo.<sup>5</sup>

Esse amor Lutero levou até o final de sua vida: suas últimas palavras, encontradas anotadas num papel deixado em cima de uma mesa dois dias antes de seu falecimento, declarava: “Ninguém suponha que provou das Escrituras Sagradas o suficiente até ter governado as igrejas com os profetas ao longo de cem anos”.<sup>6</sup> E Lutero poderia afirmar isso com autoridade, pois se gabava em sua destreza com a Sagrada Escritura: “As Escrituras são uma vasta floresta, mas não há árvore nela que eu não tenha sacudido com a mão”.<sup>7</sup> Lutero interessava-se não apenas em estudar a Bíblia, mas pregá-la, anunciá-la; em todos os seus escritos, Lutero usa o “coração na manga”. Ele é tão aberto que o historiador acha muito mais fácil adentrar nele; pode-se dizer que na sala de

---

<sup>3</sup> ROPER, L., Martinho Lutero, p. 76-81. Para a declaração de se considerar “juramentado”, OSeL 2,279; LW 44,124; ver também WA 6,404-405. A sigla OSeL remete a uma das fontes primárias em português para as obras de Martinho Lutero: MARTINHO LUTERO, Obras Seleccionadas Vol. 1-14. A sigla LW remete à fonte primária em inglês PELIKAN, J.; LEHMANN, H. (Orgs.), Luther's Works; enquanto a sigla WA remete à fonte crítica em alemão e latim: MARTIN LUTHER, D. Martin Luthers Werke: Kritische Gesamtausgabe. Schriften. 73 Bände. Weimar: HERRMANN Bohlau, 1883-2009. Ainda serão utilizadas no artigo as siglas WA DB (MARTIN LUTHER, D. Martin Luthers Werke: Kritische Gesamtausgabe. Die deutsche Bibel. 15 Bände. Weimar: Herrmann Bohlau, 1906-1961); e WA Tr (MARTIN LUTHER, D. Martin Luthers Werke: Kritische Gesamtausgabe. Schriften. 73 Bände. Weimar: Herrmann Bohlau, 1883-2009). Em todas essas, o primeiro número após a sigla indica o volume, enquanto o segundo após a vírgula indica a paginação deste.

<sup>4</sup> GRITSCH, E. W., Luther as Bible Translator, p. 72.

<sup>5</sup> OSeL 8,21-22; LW 35,236; ver também WA DB 8,10-32.

<sup>6</sup> LW 54,476; WA Tr 5,317-318 (no. 5677)

<sup>7</sup> LW 54,121; WA Tr 1,320 (no. 674).

aula ele ainda era o pregador, enquanto mesmo quando Calvino estava no púlpito, ele ainda era o *lector*, o professor.<sup>8</sup> A Bíblia, para Lutero, é um “espelho do mundo” de uma maneira bastante específica; isto pode ser bem reconhecido a partir dos Salmos, que Lutero considerava como contendo toda a Bíblia em um núcleo e, portanto, designada uma “pequena Bíblia”.<sup>9</sup>

É claro que Lutero não reconhecia “métodos” para o estudo teológico no sentido de hoje. As disciplinas teológicas ainda não eram distinguidas; Lutero não era um sistemático, nem um teólogo bíblico, nem um historiador da igreja.<sup>10</sup> Entretanto, embora a Teologia Bíblica enquanto ciência tenha surgido a partir da palestra proferida por Johann P. Gabler na Universidade de Altdorf, em 30 de março de 1787,<sup>11</sup> pode-se dizer que Lutero era um “teólogo bíblico” em mais de um sentido: ele estava convencido de que a tarefa da teologia era a exposição e aplicação das Escrituras.<sup>12</sup> A mudança de uma concepção fragmentada e até atomística das Escrituras para “a Bíblia como um todo” foi de fato crítica para sua contribuição à história da interpretação bíblica.<sup>13</sup> Por isso, Kurt Aland, o renomado crítico textual do Novo Testamento, aplaude a promoção de Lutero do estudo das línguas bíblicas e a necessidade de uma exegese meticulosa, mas também endossa a busca de Lutero pela essência das Escrituras.<sup>14</sup>

Lutero era um exegeta pré-moderno ou moderno? Alguns argumentam que ele permanece na tradição medieval, talvez mais próximo da tradição monástica dos vitorianos que levava o sentido literal mais a sério do que da hermenêutica universitária escolástica que estava mais imersa na tradição alegórica – mas medieval, no entanto.<sup>15</sup> Mas Heinrich Bornkamm apontou que, se Lutero fosse membro de uma faculdade teológica moderna, ele seria chamado de professor do Antigo Testamento: em trinta e dois anos de ensino, Lutero dedicou sete oitavos

---

<sup>8</sup> OBERMAN, H. A.; WEINSTEIN, D., *The Two Reformations*, p. 127.

<sup>9</sup> BAYER, O., *Luther as an Interpreter of Holy Scripture*, p. 80. “Em resumo: se queres ver as santas igrejas cristãs pintadas em cores e formas vivas e representadas num pequeno quadro, então olha para o Livro dos Salmos diante de ti. Nele tu tens um espelho fino, claro e puro que te mostrará o que é a cristandade. Sim, dentro dele também tu irás encontrar a ti mesmo (...), além do próprio Deus e todas as criaturas” (OSel 8,36).

<sup>10</sup> BARTH, H.-M., *The Theology of Martin Luther*, p. 419.

<sup>11</sup> HASEL, G. F., *Teologia do Antigo Testamento*, p. 17.

<sup>12</sup> THOMPSON, M. D., *A Sure Ground on Which to Stand*, p. 152.

<sup>13</sup> THOMPSON, M. D., *A Sure Ground on Which to Stand*, p. 147.

<sup>14</sup> MARSH, W. M., *Martin Luther on Reading the Bible as Christian Scripture*, p. 34.

<sup>15</sup> KOLB, R., *Current Perspectives on Luther’s Biblical Interpretation*, p. 249.

de seu tempo ao Antigo Testamento, um oitavo ao Novo.<sup>16</sup> Especialmente se confrontarmos Lutero *vis-à-vis* o Método Histórico Gramatical, suas contribuições são inegáveis. Por outro lado, e quanto ao Método Histórico-Crítico? Mesmo distante dois séculos, haveria alguns indícios, alguns caminhos apontados, algumas “sementes” plantadas? Mediante o exame da natureza da comunicação humana, linguistas recentemente forneceram novos insights, que oferecem uma variedade de pontos de vista a partir dos quais aborda-se a compreensão de Lutero sobre a natureza da Escritura – e seu uso e função potenciais para leitores e intérpretes do século XXI.<sup>17</sup>

Por isso, para responder a esta pergunta desafiadora, o presente artigo procura “confrontar” Lutero *vis-à-vis* tanto o Método Histórico Gramatical quanto o Método Histórico-Crítico. Para tal, primeiramente se procederá a uma conceituação tanto do Método Histórico Gramatical quanto do Método Histórico Crítico. Com essas conceituações, será mostrado que o Método Histórico-Crítico, ao invés de ser compreendido como “rival” do Método Histórico-Gramatical, pode ser compreendido como um aprimoramento e desenvolvimento deste – pelo que as “sementes” plantadas por Lutero para o Método Histórico-Crítico tornar-se-iam mais evidentes.

## 1. Método Histórico-Gramatical

Segundo Lázara D. Coelho, o “Método Histórico-Gramatical refere-se ao sistema de interpretação da Bíblia procedente da Reforma Protestante do século XVI”, um “estudo do texto bíblico à luz do contexto histórico em que foi escrito”.<sup>18</sup> E Claiton A. Kunz mostra como, apesar dos antecedentes desse método na chamada “escola de Antioquia” no século IV, foi “revitalizado” durante a Reforma Protestante no século XVI – quando Lutero e Calvino privilegiaram o sentido literal ao invés de uma “figurada”.<sup>19</sup> Não obstante, foi utilizado primeiramente por Karl A. G. Keil em 1788, num “tratado latino sobre interpretação histórica”. Nominado de fundamentalista por seus críticos, o Método constitui-se em um conjunto de métodos que “interpreta os textos em

---

<sup>16</sup> KLEIN, R. W., Reading the Old Testament with Martin Luther - and without him, p. 95

<sup>17</sup> KOLB, R., Current Perspectives on Luther’s Biblical Interpretation, p. 253.

<sup>18</sup> COELHO, L. D., Os Caminhos do Método Histórico-Gramatical, p. 38.

<sup>19</sup> KUNZ, C. A., Método Histórico-Gramatical, p. 197.

perspectiva literal e histórica” sendo contrário “às análises críticas, por pressupor que os textos são divinamente inspirados e, portanto, não suscetíveis a erros”.<sup>20</sup>

Dois nomes são importantes como “antecedentes” do método: Jerônimo (347-420 d.C.), e Agostinho de Hipona (354-430 d.C.), expoentes do pensamento teológico de língua latina. Se Jerônimo é um “intérprete bíblico-teológico ortodoxo de primeira ordem”, Agostinho tornou-se “um dos principais intérpretes das Escrituras”, cujo “pensamento sobre a interpretação da Bíblia é considerado essencial ao desenvolvimento do Método Histórico-Gramatical estabelecido posteriormente”.<sup>21</sup> E Agostinho já declarara na Antiguidade acerca da atribuição mosaica autoral ao Salmo 90 que “Não se deve de forma alguma supor que este salmo tenha sido escrito pessoalmente por Moisés, pois não é marcado por nenhuma das características literárias encontradas nas canções que ele escreveu; mas o nome de um servo de Deus tão merecedor foi anexado a ele como uma indicação de seu significado”.<sup>22</sup>

No século XIII, a prática exegética medieval declinou em sua busca pelo significado espiritual ou “oculto” do autor divino em favor de localizar o significado do texto bíblico dentro do sentido literal do autor humano.<sup>23</sup> Mas, no século XVI, os reformadores “romperam com o método alegórico de interpretação da Bíblia e com o método escolástico” prevalecente desde meados da Baixa Idade Média, destacando-se William Tyndale, Ulrich Zuínglio, Martinho Lutero e João Calvino.<sup>24</sup> João Calvino (1509-1564 d.C.), reformador francês, acreditava, como Lutero, que a “iluminação espiritual é necessária”, mas não concordava com o reformador alemão de que “Cristo deve ser encontrado em toda a parte nas Escrituras”, nem quanto ao número de salmos messiânicos. O lema de Calvino era “a Escritura interpreta a Escritura”, tornando-se “um de seus princípios hermenêuticos”.<sup>25</sup>

As prioridades ou regras para Calvino parecem objetivas, embora, não surpreendentemente, sejam simplistas em relação aos avanços posteriores da crítica textual: por exemplo, ele tende a favorecer a leitura mais simples, o que

<sup>20</sup> COELHO, L. D., Os Caminhos do Método Histórico-Gramatical, p. 39-43.

<sup>21</sup> COELHO, L. D., Os Caminhos do Método Histórico-Gramatical, p. 52-54.

<sup>22</sup> GERMAN, B. T., Psalms of the Faithful, p. 94.

<sup>23</sup> MARSH, W. M., Martin Luther on Reading the Bible as Christian Scripture, p. 30.

<sup>24</sup> COELHO, L. D., Os Caminhos do Método Histórico-Gramatical, p. 61.

<sup>25</sup> COELHO, L. D., Os Caminhos do Método Histórico-Gramatical, p. 66-67.

proporciona sentido intuitivo para um comentarista convencido de que a Escritura tem um significado claro e compreensível.<sup>26</sup> Mas estava ciente das diferenças entre as formas de falar hebraica e latina, atendendo ao contexto imediato de uma passagem, bem como seu lugar no contexto geral da narrativa.<sup>27</sup>

Claiton A. Kunz propõe passos para o Método Histórico-Gramatical: delimitar o texto, ou seja, “determinar os limites da passagem”, “identificando a unidade do pensamento” (perícopes); restaurar “na medida do possível” o texto “original” (Crítica Textual); observar o “contexto histórico”; a análise léxica (ou lexicográfica), preocupando-se com o “uso e o significado de uma determinada palavra”; a análise estilística, “a maneira pela qual o autor procurou dar maior expressividade, maior colorido, maior vivacidade ao seu texto”; a análise sintática, que estuda “a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso”; e o estudo das “várias formas literárias que se encontram na Bíblia”.<sup>28</sup>

## 2. Método Histórico-Crítico

O Método Histórico-Crítico é uma abordagem que dá “atenção especial ao crescimento dos textos e ao seu significado na época da redação”<sup>29</sup>, “uma exegese histórica e crítica aceita como legítima e como ajuda de fato para entender a sagrada Escritura” e que busca “explicar todo texto a partir de seus pressupostos e entender sua intenção original”<sup>30</sup>. É um método por designar “um conjunto de procedimentos que permitem acesso mais objetivo a um objeto de pesquisa”; é crítico na “perspectiva do discernimento”; é histórico por implicar “reconhecer que os textos bíblicos foram concebidos e compostos em tempos idos, que se desenvolveram num processo histórico”; e é crítico por interpretar e “estabelecer distinções e com base nelas poder julgar os diversos aspectos do texto ligados à história”.<sup>31</sup>

---

<sup>26</sup> HANSEN, G. N., Calvin as Commentator on Hebrews and the Catholic Epistles, p. 270.

<sup>27</sup> ZACHMAN, R. C., John Calvin as Commentator on Genesis, p. 12.

<sup>28</sup> KUNZ, C. A., Método Histórico-Gramatical, p. 199-215.

<sup>29</sup> LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 54.

<sup>30</sup> SIMIAN-YOFRE, H., Diacronia, p. 73-75.

<sup>31</sup> FITZMYER, J. A., A Bíblia na Igreja, p. 27; SCHMITT, F., Método histórico-crítico, p. 330-331. Ver também BELEM, D. F., A sucessão profética entre Elias e Eliseu e sua relação com os limites de seus respectivos ciclos narrativos, p. 33.



O Método Histórico-Crítico foi impulsionado pela Reforma Protestante, que “realizou um movimento rumo à busca pela historicidade do texto sagrado”, mas suas origens remontam na verdade, segundo J. A. Fitzmyer, aos “estudiosos da biblioteca de Alexandria do período ptolemaico”, numa espécie de “metodologia alexandrina” adotada nos primórdios do cristianismo por Orígenes e Jerônimo, por exemplo.<sup>32</sup> E Flávio Schmitt mostra como, “por conta da centralidade atribuída à Escritura no movimento da Reforma, pesquisadores atribuem os primeiros impulsos relacionados com uma análise histórica dos textos bíblicos necessariamente a esse movimento”.<sup>33</sup> Mas seu desenvolvimento foi proporcionado pelo esforço de Hugo Grotius, Richard Simon e Baruch Spinoza – um protestante, um católico e um judeu, evidenciando ser incontestavelmente um patrimônio para a pesquisa acadêmica em todos os ramos do cristianismo, não somente de um.<sup>34</sup>

Embora esse método tenha surgido em época moderna dentro de um contexto de oposição entre fé e razão, ele “é um convite à reflexão, ao discernimento do que humanamente é possível conceber em termos de interpretação” e honra o compromisso pela busca, desde a escola teológica de Antioquia, pelo sentido histórico ao lado do teológico-pastoral.<sup>35</sup> Conforme Paulo Nogueira, a exegese histórico-crítica é “herdeira legítima do iluminismo e da modernidade”, “desenvolveu-se nas faculdades de teologia evangélicas alemãs nos séculos XVIII e XIX, no contexto da teologia liberal”, e encontrando “sucesso” na América Latina. Apesar de se apresentar como um “corretivo da visão ingênua dos consumidores finais do texto bíblico”, no século XX, foi “desafiada” em “sua obsessão pelo factual”.<sup>36</sup>

---

<sup>32</sup> FITZMYER, J. A., *A Bíblia na Igreja*, p. 19-20; REIMER, H.; REIMER, I. R., *À luz da crítica histórica*, p. 386; SCHMITT, F., *Método histórico-crítico*, p. 327. Apesar desse impulso histórico dado por Alexandria segundo J. A. Fitzmyer, é preciso esclarecer que posteriormente Alexandria ficou conhecida pela exegese alegórica, enquanto Antioquia tornou-se símbolo da busca do elemento histórico. Não obstante, é um herdeiro legítimo do Iluminismo e da modernidade em seus pressupostos científicos e visão do mundo, conforme desenvolvido nas faculdades alemãs nos séculos XVIII e XIX, no contexto da teologia liberal (NOGUEIRA, P., *Os métodos histórico-críticos*, p. 299).

<sup>33</sup> SCHMITT, F., *Método histórico-crítico: um olhar em perspectiva*, p. 327.

<sup>34</sup> FITZMYER, J. A., *A interpretação da escritura: em defesa do método histórico-crítico*, p. 76; SCHMITT, F., *Método histórico-crítico*, p. 329. Ver também BELEM, D. F., *A sucessão profética entre Elias e Eliseu e sua relação com os limites de seus respectivos ciclos narrativos*, p. 33.

<sup>35</sup> LIMA, M. L. C., *Exegese Bíblica*, p. 54-60; SCHMITT, F., *Método histórico-crítico*, p. 326.

<sup>36</sup> NOGUEIRA, P., *Os métodos histórico-críticos: pressupostos e pautas para renovação*, p. 299-300.



Chama-se “crítico” não porque procura criticar os registros antigos em sentido pejorativo, nem porque utiliza as técnicas de diversas formas da crítica literária e histórica.<sup>37</sup> É “crítico na perspectiva do discernimento”,<sup>38</sup> e o emprego de toda essa crítica está voltado para uma única finalidade: determinar o sentido do texto como o autor humano pretendeu expressá-lo. Por isso, a suspeição lançada sobre o método deveu-se a uma certa “contaminação” em etapas importantes de seu desenvolvimento, por pressuposições que não faziam parte necessariamente dele – como o “racionalismo intransigente”.<sup>39</sup>

Se “o método histórico foi forjado dentro de uma mentalidade racionalista e historicista (iluminista)”, tendo valor “o que pode ser explicado pela razão”, “a primeira pergunta não é se o texto reporta ou não elementos históricos ou científicos atendíveis”, mas “sobre a lógica interna do texto e seu contexto ideológico”.<sup>40</sup> Por isso, pode ultrapassar os pressupostos ideológicos originais ao valorizar a dimensão divina das palavras humanas, pois na “pesquisa bíblica contemporânea, inclusive na Alemanha, berço do Método Histórico-Crítico, há vozes que apontam para a necessidade de uma renovação de sua perspectiva historiográfica”. Como bem pondera J. A. Fitzmyer, o que era questionável não era o método, e sim as pressuposições antidogmáticas, ao malogar na compreensão de que a fé não representa obstáculo à ciência.<sup>41</sup> O uso “equilibrado” do Método Histórico-Crítico evita tanto o antirracionalismo quanto uma abordagem exegética que não dialogue com a dimensão autenticamente espiritual das Sagradas Escrituras.<sup>42</sup> Ainda segundo Lázara D. Coelho, o Método Histórico-Crítico, “altamente influenciado pelo Iluminismo, tornou-se profundamente racional”. Entretanto, traz em si pontos considerados positivos como a “racionalidade”, a “natureza questionadora”, a “aptidão desconstrucionista diante de posturas absolutistas ou dogmáticas”, e a “aplicação rígida de princípios historiográficos”. Entretanto, há, igualmente,

---

<sup>37</sup> FITZMYER, J. A., A interpretação da escritura, p. 78.

<sup>38</sup> SCHMITT, F., Método histórico-crítico, p. 331.

<sup>39</sup> FITZMYER, J. A., A interpretação da escritura, p. 81-82.

<sup>40</sup> LIMA, M. L. C., História e Teologia, p. 107.

<sup>41</sup> FITZMYER, J. A., A Bíblia na Igreja, p. 34; LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 64; NOGUEIRA, P., Os métodos histórico-críticos, p. 302.

<sup>42</sup> LIMA, M. L. C., Fundamentalismo, p. 332-359. Ver também BELEM, D. F., A sucessão profética entre Elias e Eliseu e sua relação com os limites de seus respectivos ciclos narrativos, p. 33-34.

muitos pontos considerados negativos, como “um grau de academicidade superior à das comunidades” e “pouco ensino prático aplicável à vida cristã do rebanho”.<sup>43</sup>

Se há queixas de que o método se preocupa excessivamente com a pré-história do texto, negligenciando sua forma final – e consequentemente seus aspectos literários, bem como o sentido religioso ou teológico do texto sagrado,<sup>44</sup> Haroldo Reimer e Ivoni R. Reimer lembram que “o trabalho metodológico científico não prescinde da decisão hermenêutica e teológica no processo da interpretação”.<sup>45</sup> Como por si só o Método Histórico-Crítico é neutro, ele pode – e deve – ser usado com as pressuposições da fé. E, por ser neutro, ainda pode passar por aprimoramentos em seus aspectos históricos ou literários.<sup>46</sup> Com efeito, se hoje não precisamos torturar nossa inteligência nem violentar nossa honestidade intelectual, não devemos isso nem à narratologia, nem à crítica retórica, nem à hermenêutica, nem à pragmática, nem aos Padres da Igreja, nem ao estruturalismo, mas simplesmente aos métodos histórico-críticos, não obstante todas as suas falhas.<sup>47</sup> Como pontua Flávio Schmitt, “para além de paixões e genitivos, o método histórico-crítico é um convite à reflexão, ao discernimento”.<sup>48</sup>

As etapas do Método Histórico-Gramatical correspondem, ainda que parcialmente, às etapas do Método Histórico-Crítico: delimitação do texto; análise na língua original, e determinação do texto mais “próximo” ao original (crítica textual); contexto histórico; análise lexicográfica; análise estilística; a forma literária. O “tempero a mais” colocado pelo Método Histórico-Crítico é justamente o elemento crítico: tradução e segmentação; crítica textual; crítica literária e redacional; crítica da forma; crítica do gênero literário; e comentário

---

<sup>43</sup> COELHO, L. D., Os Caminhos do Método Histórico-Gramatical, p. 40

<sup>44</sup> FITZMYER, J. A., A interpretação da escritura, p. 75. Segundo José Evelio García (Método histórico gramatical, p. 12), os “apóstolos da Alta Crítica negam a inspiração unificadora da Bíblia usando disciplinas histórico-críticas, como crítica de fontes, crítica de formas, crítica de escrita e história da tradição, de modo a anular o respeito pelas Sagradas Escrituras como a Palavra de Deus”.

<sup>45</sup> REIMER, H.; REIMER, I. R., À luz da crítica histórica: sobre o método histórico-crítico no estudo da Bíblia, p. 395.

<sup>46</sup> FITZMYER, J. A., A interpretação da escritura, p. 85.

<sup>47</sup> SIMIAN-YOFRE, H., Diacronia, p. 73.

<sup>48</sup> SCHMITT, F., Método histórico-crítico, p. 326.

exegético<sup>49</sup> – pelo que o Método Histórico-Crítico pode ser compreendido como um “aprimoramento” ou “desenvolvimento” do Método Histórico Gramatical.

### 3. Martinho Lutero *vis-à-vis* o Método Histórico-Gramatical

Em suas primeiras preleções acerca dos salmos, conhecidas como *Dictata super Psalterium* (1513-1515), embora tenha iniciado no método medieval da Quadriga, ele foi aos poucos se afastando deste e desenvolvendo uma abordagem mais atenta em torno da distinção letra/espírito.<sup>50</sup> Comparado com as notas marginais nas obras de Pedro Lombardo de 1509/1510, a primeira palestra dos Salmos reflete um clima teológico totalmente diferente. A razão para isso é, antes de tudo, que estamos lidando aqui com a primeira palestra exegética de Lutero, não mais com meras críticas ou comentários sobre os textos de outros.<sup>51</sup>

Ainda nessas primeiras preleções acerca dos Salmos, Lutero começou a duvidar da Vulgata, e é possível traçar o movimento constante de sua mente em suas exposições subsequentes da Epístola aos Romanos (1515-16) e dos Salmos Penitenciais (1517). Lutero estava preparado para afirmar sem reservas que a preservação do Evangelho dependia do conhecimento das línguas originais. É verdade, diz ele, que o Evangelho vem “por meio do Espírito Santo”; mas não podemos negar que ela veio “por meio das línguas”.<sup>52</sup> Lutero estabelece sua

---

<sup>49</sup> BELEM, D. F., A sucessão profética entre Elias e Eliseu e sua relação com os limites de seus respectivos ciclos narrativos, p. 34.

<sup>50</sup> EBELING, G., The Beginnings of Luther’s Hermeneutics (Part 3), p. 451-468. Como bem explorado por G. Ebeling nesse artigo, a Quadriga (referindo-se no latim a um carro puxado por quatro cavalos) era o método medieval de interpretação “quádrupla” da Bíblia: tendo por fundamento o sentido histórico-literário, é “acompanhado” por três sentidos “espirituais” – o alegórico (o que deve ser crido), o moral ou tropológico (o que deve ser feito) e o analógico ou escatológico (o que se deve esperar). Embora tenha se tornado o padrão prevalecente por influência de Agostinho de Hipona, sua origem remonta a João Cassiano.

<sup>51</sup> LOHSE, B., Martin Luther’s Theology, p. 51.

<sup>52</sup> GERRISH, B. A., Grace and Reason, p. 145. “E que seja dito o seguinte: Não conseguiremos preservar o Evangelho corretamente sem as línguas. As línguas são as bainhas da espada do Espírito. São o cofre no qual se guarda essa preciosidade. Elas são o vaso que contém esta bebida. São a despensa em que está guardado esse alimento. E, como o mostra o próprio Evangelho, são os balaies nos quais se guardam esses pães e peixes e as sobras. Sim, se o desprezarmos — Deus nos guarde disso! — a ponto de esquecermos as línguas, não perderemos apenas o Evangelho, mas chegaremos ao ponto de não mais falarmos ou escrevermos direito nem o latim nem o alemão” (OSel 5,312; LW 45,360; WA 15,38).

diretriz hermenêutica abrangente para o Saltério: “Toda profecia e todo profeta devem ser entendidos como se referindo a Cristo, o Senhor, exceto quando estiver claro em palavras claras que outra pessoa é falada”.<sup>53</sup> Esta cristocentricidade é uma valiosa contribuição ao Método Histórico Gramatical.

Lutero, em sua exegese, claramente preferia o texto hebraico ao latino da Vulgata – outro importante passo do Método Histórico-Gramatical, como pode ser visto nessa observação sobre o texto latino de Ex 3,2 em seu comentário à Epístola aos Gálatas:

Da mesma forma, o texto (...) diz com clareza, que o Anjo do Senhor apareceu a Moisés numa chama de fogo e lhe falou do meio de uma sarça. O texto latino, aqui, foi corrompido, pois não tem a palavra “anjo”, mas a de “Senhor”. E, assim, essa passagem, por causa da ignorância da língua hebraica, suscitou um debate, se, porventura, o próprio Senhor ou um anjo falou a Moisés.<sup>54</sup>

Lutero também criou uma espécie de “laboratório” linguístico, conhecido como *collegium biblicum*. Consistia em Melanchthon, Aurogallus, Cruciger e o secretário George Rorer, que também gravou muitas das palestras e sermões de Lutero. Às vezes, o grupo era acompanhado por três outros colegas, Justus Jonas, Veit Dietrich e Bernhard Ziegler, todos ex-alunos e / ou fortes apoiadores de Lutero. Ocasionalmente, o significado literal prevalecia, embora não fosse facilmente compreendido em alemão. Lutero criou então um “princípio de tradução”: algumas vezes retendo as palavras literalmente, e outras traduzindo apenas o significado.<sup>55</sup> Sua tradução da Bíblia hebraica é de fato uma “cristianização deliberada do Antigo Testamento.”<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> GERMAN, B. T., *Psalms of the Faithful*, p. 7; LW 10,7.

<sup>54</sup> OSeI 10,304; LW 26,319; WA 40/I,495. Um exame minucioso da carta de Paulo aos Gálatas demonstrou que Lutero escolheu esmagadoramente o texto grego para traduzir em vez do latim. Dos sessenta lugares onde o texto grego de Gálatas diferia da tradução latina, Lutero escolheu a versão latina apenas seis vezes (HENDRIX, S. H., *Martin Luther*, p. 126).

<sup>55</sup> GRITSCH, E. W., *Luther as Bible Translator*, p. 68-70. Lutero espera que um melhor conhecimento do hebraico fortaleça sua hermenêutica cristocêntrica. Ele raramente se refere à escritura viva escrita no coração dos crentes; em suas palavras “peculiares”, os judeus, em qualquer caso, como o papa, têm tão pouca ideia disso quanto uma porca de tocar harpa (BARTH, H.-M., *The Theology of Martin Luther*, p. 32; acerca da citação da “porca”, WA 53,620; LW 61,431-504).

<sup>56</sup> BARTH, H.-M., *The Theology of Martin Luther*, p. 440.

Mas Lutero e sua equipe tiveram sérias dificuldades com essa parte. O estilo peculiar de Jó, por exemplo, ao mesmo tempo sombrio e deslumbrante, demonstrou ser um grande desafio. Lutero observou que Jó ficaria tão infeliz com a tradução quanto com seus amigos! Lutero, Melanchthon e Aurogallus admitiram que uma vez foram capazes de traduzir apenas três linhas em quatro dias.<sup>57</sup> Lutero confessou que ele e seus colegas de trabalho de Wittenberg tiveram que suar e labutar como uma “gangue de estrada” tentando remover pedras e torrões para limpar o caminho. Mas eles encontraram a melhor tradução ouvindo a maneira como as pessoas falavam (“olhando para a boca”, *auf das Maul sehen*).<sup>58</sup>

Desta forma, a primeira condição prévia para a possibilidade de que o testemunho de Cristo possa ser articulado de maneira compreensível e claramente recebido é a linguagem. Portanto, deve-se “manter o significado simples, puro e natural das palavras, na gramática e no uso que Deus criou entre os humanos”.<sup>59</sup> Este é um contributo essencial ao Método Histórico Gramatical. Quando Lutero rejeitou a interpretação tropológica da Escritura (e da Quadriga em geral), ele não renunciou a todos os pensamentos associados a ela, pois a maioria deles repousava sobre um fundamento bíblico.<sup>60</sup> Em suma, o que é realmente característico do método de Lutero como estudioso da Bíblia é sua confiança não apenas na gramática, nem apenas na experiência, mas em uma espécie de dialética das duas. Portanto, sua relação com os humanistas bíblicos manifesta tanto dívida quanto independência.<sup>61</sup>

Enfatiza-se: o sentido literal, no entanto, agora não é compreendido como sendo o histórico, mas como o sentido cristológico do texto. Isto quer dizer: o sentido básico a que se deve ater a reflexão sobre o Saltério é o próprio Cristo.<sup>62</sup> Não obstante, sua atenção às questões históricas não foi obliterada: muitas das passagens que ele havia interpretado anteriormente em seu sentido “literal” como se referindo a Cristo, ele agora explicava como falando de Davi.

---

<sup>57</sup> GRITSCH, E. W., Luther as Bible Translator, p. 64.

<sup>58</sup> GRITSCH, E. W., Luther as Bible Translator, p. 67.

<sup>59</sup> BARTH, H.-M., The Theology of Martin Luther, p. 445.

<sup>60</sup> SAARNIVAARA, U., Luther Discovers the Gospel, p. 118.

<sup>61</sup> GERRISH, B. A., Grace and Reason, p. 150. Lutero denominou esse jeito metodológico de “gramática teológica”, à qual a gramática hebraica deveria se sujeitar, o que resultou numa sublime valorização teológica da língua-base da fé em Jesus Cristo (OSel 8,344).

<sup>62</sup> EBELING, G., O Pensamento de Lutero, p. 82.

Em outros casos, o simples significado literal o obrigou a explicar as palavras como apontando para Cristo. Era natural que Lutero agora se interessasse mais pela gramática e pelo texto original. Anteriormente, ele preferia a Vulgata.<sup>63</sup>

Lutero era de fato por profissão um doutor e professor da Sagrada Escritura; mas “Teologia” não é apenas aquilo que ele, nessa condição, deve praticar, mas o que todos devem praticar. Ao experimentar o confronto da promessa ouvida com sua experiência do mundo e de si mesmo, todos se deparam com aquela tentação pela qual só se pode ser sustentado pela oração. Assim, Lutero encontra três características da teologia: *oratio*, *tentatio*, *meditatio* – oração, tentação e a relação contínua com a palavra bíblica, da qual a promessa de Deus deve ser ouvida.<sup>64</sup> Por isso este esforço pela correta compreensão das Escrituras orientado para o Espírito, visa automaticamente atualidade. Pois o Espírito Santo é por definição presença atualizante, Espírito vivificante, em contraste com a letra, que está presa ao passado e, por isso, entrega a pessoa ao passado.<sup>65</sup>

#### 4. Martinho Lutero *vis-à-vis* o Método Histórico-Crítico

Segundo Paul Althaus, Lutero praticou crítica histórica ao analisar as traduções bíblicas, ao referir-se a contradições ou inexatidões. Isso, porém, “difícilmente nos dá motivo para considerá-lo como um dos pais do método histórico-crítico”, fazendo tais “observações críticas só esporadicamente”.<sup>66</sup> Mas analisar essas “observações esporádicas” críticas leva a entender no mínimo as “sementes” que brotariam posteriormente como o método histórico-crítico. Lutero, por exemplo, acessou mais duas edições das Sentenças, comparou seu texto de 1489 a estas e fez não apenas anotações sobre o texto,

---

<sup>63</sup> SAARNIVAARA, U., Luther Discovers the Gospel, p. 116.

<sup>64</sup> BAYER, O., Luther as an Interpreter of Holy Scripture, p. 77.

<sup>65</sup> EBELING, G., O Pensamento de Lutero, p. 78. “Mas o principal argumento de minha opinião é, em primeiro lugar, que às palavras divinas não se deve fazer violência alguma, nem por parte de um ser humano, nem por parte de um anjo; deve-se, isto sim, conservá-las, tanto quanto possível, em seu mais simples significado. Caso não formos forçados por circunstância manifesta, as palavras não devem ser entendidas fora da gramática nem de seu sentido próprio, para que não se dê ocasião a que os adversários escarneçam de toda a Escritura” (OSel 2,356-357; LW 36,30; ver também WA 6, 497-573).

<sup>66</sup> ALTHAUS, P., A Teologia de Martinho Lutero, p. 98.

mas correções no próprio texto, que, embora não sejam numerosas, correspondem aos métodos da crítica textual moderna.<sup>67</sup>

Assim, Lutero exerceu algo como crítica literária muito antes da criação da exegese histórico-crítica: no livro de Jeremias, por exemplo, ele descobriu que tudo é tão confuso que se tem a impressão de que o próprio Jeremias não poderia ter composto o livro; no entanto, não se deve preocupar com a ordem ou permitir-se ser prejudicado pela falta dela.<sup>68</sup> Mas isto fica mais bem evidenciado neste comentário acerca da autoria do livro do Profeta Isaías:

Mas eu não sei se isso teria acontecido por causa daquele que leu a profecia [de Isaías] em seu conjunto e a redigiu (como se crê ter acontecido também no Livro dos Salmos) ou se [ele] próprio dispôs as coisas dessa forma, de acordo com a época, as causas e as pessoas que iam sucedendo, para falar de coisas distintas que não têm a mesma data e a mesma causa e que tampouco poderiam exibir uma ordem.<sup>69</sup>

Lutero ainda fez “ensaaios” sobre crítica textual, ao comentar sobre Gn 3,17-19:

Em primeiro lugar, a terra é amaldiçoada por causa do próprio Adão. Pois onde consta “em teu trabalho”, na tradução latina, o hebraico lê baeburecha, “por tua causa”. A semelhança das letras fez com que o tradutor se enganasse, porque leu baebudecha, pois abad significa “cultivar a terra”.<sup>70</sup>

Lutero levou seu criticismo mesmo ao cânon do Novo Testamento. Em sua edição de 1534, por exemplo, numerou 23 escritos do Novo Testamento, deixando sem numeração – e, conseqüentemente, sob “suspeição;” – quatro obras: Hebreus, Tiago, Judas e Apocalipse.<sup>71</sup> E tornou-se famosa sua declaração acerca de Tiago como uma “carta de Palha”. Mas esse comentário, que aparece no “Novo Testamento de 1522”, foi retirado da edição de 1534; e como bem pontua Timothy

<sup>67</sup> HENDRIX, S. H., Martin Luther, p. 39.

<sup>68</sup> BARTH, H.-M., The Theology of Martin Luther, p. 441. “Assim, tem-se a impressão de que Jeremias não teria, ele mesmo, composto esses livretos, mas que eles teriam sido tirados de partes de seus discursos e registrados em um livro. Por isso não devemos ater-nos à ordem nem nos deixar perturbar por causa da desordem” (OSel 8,51-52; LW 35,280-281; WA DB 11/I,191-195).

<sup>69</sup> OSel 8,49; LW 35,277; WA DB 11/I,22-23.

<sup>70</sup> OSel 12, 220; LW 1,204; WA 42,152.

<sup>71</sup> GONZAGA, W., Compêndio do Cânon Bíblico, p. 341-345.



J. Wengert, o uso da palavra “palha” não foi exatamente um insulto, mas um eco do retrato trazido por Paulo em 1 Coríntios 3,12 acerca da fundação usando ou palha ou pedras preciosas; assim, para Lutero, Tiago até constrói “muito bem”, mas utiliza apenas “palha”, em contraste com o “padrão ouro” de autores neotestamentários tidos em alta estima por Lutero: João, Paulo e Pedro.<sup>72</sup> Desta forma, na época do Iluminismo, nasceu a exegese histórico-crítica, adotando à sua maneira a abordagem de Lutero para entender o sentido literal de um texto e, ainda assim, até certo ponto, colocando-o contra ele. No que diz respeito ao próprio reformador, é claro que ele estava interessado – embora ele expressasse de forma diferente – não no “iluminismo”, mas na “iluminação”.<sup>73</sup>

Lutero, em seu criticismo, ensinou o “desencadeando o surgimento da ciência bíblica”.<sup>74</sup> Para Lutero, a “Palavra de Deus” não é apenas um tópico teológico entre muitos, mas sua teologia continuamente assegura seu fundamento sobre esta Palavra, o que torna possível para a teologia expor seu pensamento e argumentação.<sup>75</sup> A exegese histórico-crítica, desde o Iluminismo, mostrou que os textos bíblicos devem ser constantemente traduzidos de novo; e o próprio Lutero, em seus últimos anos, trabalhou constantemente para melhorar sua tradução. Assim, as novas traduções estão de acordo com sua própria mente.<sup>76</sup> Se pudesse ser mostrado a Lutero que sua interpretação de uma passagem era gramaticalmente insustentável, ele não fazia nenhum esforço para se apegar a ela, por mais edificante que fosse. Ele não recorreu à evasão de que estava oferecendo um sentido especial e espiritual que as palavras ocultavam além do sentido literal: “Ao traduzir, sempre observo esta regra: não devemos lutar contra a gramática”. Por isso, utilizava epítetos honoríficos para o sentido gramatical: fundação para todo o restante da interpretação, *magister et lux et author et fons atque origo*.<sup>77</sup>

Também não se deve esquecer que sua interpretação da Bíblia para o alemão é mais do que uma tradução, é uma interpretação particular da Escritura

---

<sup>72</sup> WENGERT, T. J., Reading the Bible with Martin Luther, p. 2-3.

<sup>73</sup> BARTH, H.-M., The Theology of Martin Luther, p. 418.

<sup>74</sup> REIMER, H.; REIMER, I. R., À luz da crítica histórica: sobre o método histórico-crítico no estudo da Bíblia, p. 386.

<sup>75</sup> KOLB, R., Current Perspectives on Luther’s Biblical Interpretation, p. 249.

<sup>76</sup> BARTH, H.-M., The Theology of Martin Luther, p. 447.

<sup>77</sup> GERRISH, B. A., Grace and Reason, p. 142-143.

à base de Cristo e da proclamação – ele traduziu como quem crê no evangelho.<sup>78</sup> Lutero pode, lado a lado, colocar o sentido original literal e a interpretação espiritual, colocando-os num “relacionamento vital”. Assim, cristãos podem orar o Salmo 111 como um salmo de agradecimento pela Santa Ceia, e ao mesmo tempo não esquecer seu antigo e primeiro sentido como um hino da Páscoa judaica.<sup>79</sup> Por isso a Bíblia, que a si mesmo se autentica, deve ser pregada, falada – a principal fonte de autoridade dos pregadores e/ou pastores é a Bíblia, a Palavra de Deus. Tanto pregadores quanto pastores podem cair; por isso, torna-se necessário não depender única e exclusivamente deles, mas ter uma posição na qual possam criticar e corrigi-los – e a Escritura possibilita isso.<sup>80</sup>

Para Lutero, a tradição da Igreja não é um tribunal autônomo de apelação responsável por determinar a verdade. A Escritura é a única autoridade em questões de verdade, uma vez que somente a Escritura é a Palavra de Deus.<sup>81</sup> Em sua posição crítica com relação à tradição, uma vez essa sendo removida como árbitro sobre a teologia, o caminho parecia estar aberto para uma variedade infinita de opiniões, todas alegando ser derivadas das Escrituras. Mas, ao se opor ao tradicionalismo, Lutero alegou estar se opondo ao abuso da tradição – e não contrária a esta.<sup>82</sup>

Assim, de fato a erudição acadêmica pode levar a variados e divergentes pontos de vista; usando seu próprio trabalho exegético como exemplo, Lutero demonstrou a seus estudantes que um texto (ou parte dele) – ou mesmo uma simples palavra – poderia ser traduzido de diferentes modos; e mostrou que decisões devem ser deixadas em aberto não apenas onde ele não estava seguro, mas também onde ele próprio concluía que as questões estavam claras<sup>83</sup> – um princípio ainda seguido no Método Histórico-Crítico.

---

<sup>78</sup> ALTHAUS, P., *A Teologia de Martinho Lutero*, p. 117. Na página 231 Paul Althaus mostra como Lutero traduziu Gl 2,19, de 1522 a 1527, como “fui crucificado”; no entanto, posteriormente, ele usou o presente – para evidenciar seu relacionamento teológico com Paulo.

<sup>79</sup> ALTHAUS, P., *A Teologia de Martinho Lutero*, p. 113. Jason D. Lane (*The sensus mysticus* in Lutheran Exegesis, p. 26) declara: “Cristo como o único sentido, no entanto, não é uma redução do texto a Cristo. Isso foi parte do problema de Lutero desde o início, quando ele tinha uma interpretação hipercristológica das Escrituras. Ele não conseguia ver o sentido claro das palavras porque não tinha o sentido das Escrituras corretamente. Cristo ainda era juiz”.

<sup>80</sup> BELEM, D. F., *Martinho Lutero e a teologia pentecostal*, p. 5.

<sup>81</sup> OBERMAN, H. A., *The Reformation*, p. 15.

<sup>82</sup> KLEIN, R. W., *Reading the Old Testament with Martin Luther - and without him*, p. 96.

<sup>83</sup> OBERMAN, H. A., *Luther*, p. 214.

Lutero, o fundamentalista, foi combatido por Lutero, o antepassado da crítica bíblica, ou ambos foram rejeitados em favor de Lutero, o existencialista.<sup>84</sup> As declarações de Lutero que podem ser consideradas “opiniões críticas” devem ser contrabalanceadas com suas afirmações acerca da “inerrância bíblica”.<sup>85</sup> Lutero não nomeia um “*Sitz im Leben* para a Bíblia”, mas “um *Sitz* na Bíblia para seus intérpretes”. A mensagem bíblica é compreendida por quem se sente em casa na Bíblia e sabe aplicar todas as suas passagens individuais a Jesus Cristo e compreendê-las à sua luz.<sup>86</sup> E, ainda que sua exegese não seja “moderna” e ele possa encontrar a Cristo em lugares que para nós parecem improváveis, ele, todavia, não é “fundamentalista”.<sup>87</sup>

## Conclusão

Se há algum tempo “as metodologias histórico-críticas são objeto de críticas”,<sup>88</sup> por outro lado há muito o método foi desligado de um sistema filosófico. De fato, houve a tendência de privilegiar “a forma do texto, com menor atenção ao seu conteúdo”; não obstante, “esta tendência foi corrigida, graças à contribuição de uma semântica diferenciada (...) e ao estudo do aspecto pragmático dos textos”.<sup>89</sup>

Os fundamentalistas devem começar fora das Escrituras para autenticá-las. Ou seja, eles começam com uma definição de verdade que depois aplicam ao texto bíblico. Se a Bíblia faz jus à sua definição de verdade, é verdade; se não, é falso. Agora, sua definição de verdade é apofática; isto é, é uma definição de negação.<sup>90</sup> Um dos professores de teologia dogmática abordou um colega seu, professor de exegese bíblica, e desferiu a seguinte observação: “Vocês,

<sup>84</sup> THOMPSON, M. D., *A Sure Ground on Which to Stand*, p. 2.

<sup>85</sup> THOMPSON, M. D., *A Sure Ground on Which to Stand*, p. 140.

<sup>86</sup> BARTH, H.-M., *The Theology of Martin Luther*, p. 444.

<sup>87</sup> WATSON, P. S., *Deixa Deus ser Deus*, p. 203. Isso fica evidente em sua famosa declaração: “se tiras Cristo das Escrituras, o que encontrarás nela?” (OSeI 4,24; LW 33,26; ver também WA 18,600-787). Na p. 219, Philip S. Watson mostra como Lutero leva esse princípio às últimas consequências em seu Comentário a Gênesis, quando transforma uma ampla narrativa em um conflito entre a “verdadeira e a falsa religião, entre a verdadeira e a falsa igreja”. Assim, Lutero já encontra a verdadeira igreja no Paraíso.

<sup>88</sup> RIBEIRO, O. L., *O método histórico-crítico e a questão hermenêutica da intenção do autor*, p. 357.

<sup>89</sup> SILVA, C. M. D., *Quem tem medo do método histórico-crítico?*, p. 434.

<sup>90</sup> WENGERT, T. J., *Reading the Bible with Martin Luther*, p. 8

exegetas, deveriam parar de dar palpite na teologia”. O exegeta, sem titubear, respondeu: “É tão simples... Basta que vocês dogmáticos parem de usar a Bíblia para fundamentar o dogma!”<sup>91</sup>

Aquele que argumenta estar Lutero “pressagiando” uma abordagem mais histórica e crítica do texto bíblico enfrenta um forte contraste: entre sua própria estrutura para ler o texto com pressuposições iluministas, e Lutero ouvindo Deus falando e se dirigindo diretamente aos leitores e ouvintes. De fato, Lutero não se encaixa nas formas da Europa Central dos séculos XIX e XX de interpretar os textos bíblicos. Em última análise, sua abordagem da Escritura se destaca da exegese “típica” nas eras anteriores e posteriores.<sup>92</sup> Lutero, na verdade, pode ser colocado em uma categoria sozinho, dadas as continuidades compartilhadas com seus intérpretes medievais e seus próprios princípios matizados.<sup>93</sup>

Segundo Heiko Oberman, para quem acusa Lutero de não ser erudito suficiente como exegeta, “infestado por dogmatismo e edificação”, o Reformador protestaria veementemente, afirmando que exegese deve ser mais do que filologia ou Método Histórico-Crítico.<sup>94</sup> E precisamos reconhecer que “além do Método Histórico-Crítico, uma ferramenta que ajuda a tornar a Sagrada Escritura um objeto de análise, precisamos do método meditativo e autocrítico que faz do leitor um ouvinte, e do aluno um discípulo.<sup>95</sup> Com Lutero “iniciou-se um caminho em cuja continuação não há como desviar dos problemas da exegese histórico-crítica, ainda que o próprio método histórico-crítico não represente a superação hermenêutica dos problemas por ele levantados”.<sup>96</sup>

Vários estudiosos apontaram para a tendência geral de Lutero, em seu criticismo – algo tão caro ao Método Histórico-Crítico – em não tentar desculpar os santos bíblicos de seus pecados, mas de usá-los para destacar a fidelidade e a misericórdia de Deus para com seus filhos perdidos como consolo aos seus ouvintes e leitores do século XVI.<sup>97</sup> E Lutero ainda lançou uma nota que poderia ser compreendida “anacronicamente” como uma sutil reprimenda

---

<sup>91</sup> SILVA, C. M. D., Quem tem medo do método histórico-crítico?, p. 419.

<sup>92</sup> KOLB, R., Current Perspectives on Luther’s Biblical Interpretation, p. 250-251.

<sup>93</sup> MARSH, W. M., Martin Luther on Reading the Bible as Christian Scripture, p. 123.

<sup>94</sup> OBERMAN, H. A., Luther, p. 168.

<sup>95</sup> OBERMAN, H. A., The Reformation, p. 90.

<sup>96</sup> EBELING, G., O Pensamento de Lutero, p. 85.

<sup>97</sup> KOLB, R., Current Perspectives on Luther’s Biblical Interpretation, p. 257.

ao Método Histórico-Crítico – ou pelo menos um alerta ao seu uso desassociado a uma leitura pastoral:

Pois é este o julgamento de Cristo nos homens, assim ele nos exercita na aflição, na penitência e na dor pelos nossos pecados. Por isso, a teologia que se dedica à pesquisa, esquecendo-se de si mesma e impelindo-se às alturas à procura das coisas divinas, elevadas demais, busca e também encontra o precipício de satanás.<sup>98</sup>

Mas isto não significa que Lutero fosse fechado ao escrutínio, nem que ele fosse o único a poder compreender as Escrituras. Muito pelo contrário: ele lança um convite à pesquisa bíblica, como nessa sua observação poética:

Preferiria, contudo, que tanto trabalho dedicado e [tantas] horas preciosas fossem aplicados num autor melhor. (...) Por isso, também permito que esses pequenos pelos de minhas cabras sejam publicados como oferenda e sacrifício a Deus, a quem peço, em Cristo, nosso Senhor, que dê a outros, por meu intermédio, a oportunidade de fazer coisas melhores ou, ao menos, fazer melhor tudo [o que eu fiz].<sup>99</sup>

As sementes do Método Histórico-Crítico, portanto, estavam seguramente plantadas, para serem colhidas no século XVIII. Necessitado de sistemas, o protestantismo atacou os modernos como céticos relativistas que negariam à religião o *status* de conhecimento experimentado e relegaram a postura crítica e de mente aberta do Caminho Moderno às ciências.<sup>100</sup> Mas, na compreensão das Escrituras é preciso progredir constantemente. O Espírito se torna letra; mas também a letra sempre de novo tem que transformar-se em Espírito. Um nível de conhecimento sempre é a letra para o Espírito do próximo nível.<sup>101</sup>

Obviamente, Lutero não era um literalista no modo dos fundamentalistas cristãos; mas Lutero também não era um crítico textual moderno para quem o Antigo Testamento era principalmente ou exclusivamente escritura hebraica. Em vez disso, Lutero tratou as escrituras hebraicas como o “Antigo

---

<sup>98</sup> OSel 8,434-435; WA 5,300.

<sup>99</sup> OSel 12,54-55; WA 42,1-2.

<sup>100</sup> OBERMAN, H. A.; WEINSTEIN, D., *The Two Reformations*, p. 68.

<sup>101</sup> EBELING, G., *O Pensamento de Lutero*, p. 79.

Testamento”, a primeira parte da Bíblia cristã.<sup>102</sup> Além disso, não devemos presumir prontamente que uma defesa do sentido literal é automaticamente uma palavra em favor dos métodos de exegese do século XX e XXI. A maioria dos Salmos, na opinião de Lutero, referia-se literalmente a Cristo e poderia até ser usada para complementar as narrativas da Paixão dos Quatro Evangelhos.<sup>103</sup>

Na direção do que afirma Fitzmyer, “hoje é impossível alguém voltar a um método pré-crítico de interpretar a Bíblia”.<sup>104</sup> Mas Flavio Schmitt lembra adequadamente que “qualquer tentativa de compreensão do texto bíblico” deve levar em conta que “se trata de um livro de fé, testemunho da experiência de fé de um povo com seu Deus”.<sup>105</sup> Por isso, Lutero comentou em suas últimas palavras: “Ninguém suponha que provou das Escrituras Sagradas o suficiente até ter governado as igrejas com os profetas ao longo de cem anos”. Em seu contexto original, esta frase refere-se à incapacidade e pobreza da exegese em relação às riquezas inesgotáveis da Sagrada Escritura, e à incapacidade de todos os intérpretes da Escritura de se identificarem, dados os limites de sua curta vida na terra, com os autores da Bíblia e de entenderem corretamente sua mensagem.<sup>106</sup>

## Referências bibliográficas

ALTHAUS, Paul. **A Teologia de Martinho Lutero**. Canoas: ULBRA, 2008.

BARTH, Hans-Martin. **The Theology of Martin Luther: A Critical Assessment**. Minneapolis: Fortress Press, 2013.

BAYER, Oswald. Luther as an Interpreter of Holy Scripture. In: McKIM, Donald K. (Org.). **The Cambridge Companion to Martin Luther**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 73-85.

BELEM, Doaldo F. **A sucessão profética entre Elias e Eliseu e sua relação com os limites de seus respectivos ciclos narrativos: Estudo Exegético de 2Rs 1–2**. Rio de Janeiro/Petrópolis: Editora PUC-Rio/Vozes Acadêmica, 2023.

---

<sup>102</sup> HENDRIX, S. H., Martin Luther, p. 227.

<sup>103</sup> GERRISH, B. A., Grace and Reason, p. 143.

<sup>104</sup> FITZMYER, J. A., A Bíblia na Igreja, p. 27.

<sup>105</sup> SCHMITT, F., Método histórico-crítico, p. 336.

<sup>106</sup> OBERMAN, H. A., The Reformation, p. 91.

BELEM, Doaldo F. Martinho Lutero e a teologia pentecostal: continuidade, descontinuidade e tensões. **Atualidade Teológica**, v. 28, n. 73, p. 1-18, 2024.

COELHO, Lázara D. **Os Caminhos do Método Histórico-Gramatical**: Uma Perspectiva Descritiva. Goiânia, 2014. 144 p. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

EBELING, Gerhard. **O Pensamento de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

EBELING, Gerhard. The Beginnings of Luther's Hermeneutics (Part 3). **Lutheran Quarterly**, v. 7, n. 4, p. 451-468, 1993.

FITZMYER, Joseph A. **A Bíblia na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1997.

FITZMYER, Joseph A. **A interpretação da escritura**: em defesa do método histórico-crítico. São Paulo: Loyola, 2011.

GARCÍA, José E. Método histórico gramatical. **UNACIENCIA: Revista de Estudios e Investigaciones**, v. 2, no. 2, p. 10-13, 2009.

GERMAN, Brian T. **Psalms of the Faithful**: Luther's Early Reading of the Psalter in Canonical Context. Bellingham: Lexham Press, 2017.

GERRISH, Brian A. **Grace and Reason**: A Study in the Theology of Luther. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2005.

GONZAGA, Waldecir. **Compêndio do Cânon Bíblico**. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos: Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2019.

GRITSCH, Eric W. Luther as Bible Translator. In: McKIM, Donald K. (Org.). **The Cambridge Companion to Martin Luther**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 62-72.

HANSEN, Gary N. Calvin as Commentator on Hebrews and the Catholic Epistles. In: McKIM, Donald K. (Org.). **Calvin and the Bible**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 257-281.

HASEL, Gerhard F. **Teologia do Antigo Testamento**: questões fundamentais no debate atual. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.



HENDRIX, Scott H. **Martin Luther: Visionary Reformer**. New Haven / London: Yale University Press, 2015.

KLEIN, Ralph W. Reading the Old Testament with Martin Luther – and without him. **Currents in Theology and Mission**, v. 36, n. 2, p. 95–103, 2009.

KOLB, Robert. Current Perspectives on Luther’s Biblical Interpretation. **Lutheran Quarterly**, v. 36, n. 3, p. 249-267, 2022.

KUNZ, Claiton A. Método Histórico-Gramatical: Um estudo descritivo. **Revista Via Teológica**, v. 2, n. 16, p. 195-226, 2016.

LANE, Jason D. *The sensus mysticus* in Lutheran Exegesis. **Logia**, v. 28, n. 2, p. 21-32, 2019.

LIMA, Maria de Lourdes C. **Exegese Bíblica: Teoria e Prática**. São Paulo: Paulinas, 2014.

LIMA, Maria de Lourdes C. Fundamentalismo: Escritura e Teologia entre fé e razão. **Atualidade Teológica**, v. 33, p. 332-359, 2009.

LIMA, Maria de Lourdes C. História e Teologia. Reflexões na perspectiva da exegese bíblica. **Atualidade Teológica**, v. 43, p. 101-111, 2013.

LOHSE, Bernhard. **Martin Luther’s Theology: Its Historical and Systematic Development**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1999.

MARSH, William M. **Martin Luther on Reading the Bible as Christian Scripture** (Princeton Theological Monograph). Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2017.

MARTIN LUTHER. **D. Martin Luthers Werke: Kritische Gesamtausgabe**. Die deutsche Bibel. 15 Bände. Weimar: Herrmann Bohlau, 1906-1961.

MARTIN LUTHER. **D. Martin Luthers Werke: Kritische Gesamtausgabe**. Schriften. 73 Bände. Weimar: Herrmann Bohlau, 1883-2009.

MARTIN LUTHER. **D. Martin Luthers Werke: Kritische Gesamtausgabe**. Tischreden. 6 Bände. Weimar: Herrmann Bohlau, 1912-1921.

MARTINHO LUTERO. **Obras Seleccionadas Vol. 1-14**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 1987-2023.

NOGUEIRA, Paulo. Os métodos histórico-críticos: pressupostos e pautas para renovação. **Estudos Teológicos**, v. 59, n. 2, p. 296-310, 2019.

OBERMAN, Heiko A. **Luther: Man Between God and the Devil**. New Haven: Yale University Press, 2006.

OBERMAN, Heiko A. **The Reformation: Roots and Ramifications**. London / New York: T&T Clark, 2004.

OBERMAN, Heiko A.; WEINSTEIN, Donald. **The Two Reformations: The Journey from the Last Days to the New World**. New Haven / London: Yale University Press, 2003.

PELIKAN, Jaroslav J.; LEHMANN, Helmu T. (Orgs.). **Luther's Works**. American ed. 55 vols. Philadelphia: Fortress Press; St. Louis: Concordia, 1955-1986.

REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni R. À luz da crítica histórica: sobre o método histórico-crítico no estudo da Bíblia. **Estudos Teológicos**, v. 59, n. 2, p. 384-396, 2019.

RIBEIRO, Osvaldo L. O método histórico-crítico e a questão hermenêutica da intenção do autor: uma problematização. **Estudos Teológicos**, v. 59, n. 2, p. 356-369, 2019.

RIOS, César M. Lutero e a Centralidade de Cristo na Exegese, na Reflexão Teológica e na Pregação. **Caminhos**, v. 17, n. 1, p. 225-244, 2019.

ROPER, Lyndal. **Living I Was Your Plague: Martin Luther's World and Legacy**. Princeton: Princeton University Press, 2021.

ROPER, Lyndal. **Martinho Lutero: Renegado e Profeta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

SAARNIVAARA, Uuras. **Luther Discovers the Gospel: New Light upon Luther's Way from Medieval Catholicism to Evangelical Faith**. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2003.

SCHMITT, Flávio. Método histórico-crítico: um olhar em perspectiva. **Estudos Teológicos**, v. 59, n. 2, p. 325-339, 2019.

SILVA, Cássio M. D. Quem tem medo do método histórico-crítico? **ReBiblica**, v. 4, n. 8, p. 418-459, 2023.

SIMIAN-YOFRE, Horácio. Diacronia: os métodos históricos-críticos. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio (Org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 73-108.

THOMPSON, Mark D. **A Sure Ground on Which to Stand**: The Relation of Authority and Interpretive Method in Luther's Approach to Scripture. Studies in Christian History and Thought. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2006.

WATSON, Paul S. **Deixa Deus ser Deus**: Uma interpretação da teologia de Martinho Lutero. Canoas: ULBRA, 2005.

WENGERT, Timothy J. **Reading the Bible with Martin Luther**: An Introductory Guide. Grand Rapids: Baker Academic, 2013.

ZACHMAN, Randall C. John Calvin as Commentator on Genesis. In: McKIM, Donald K. (Org.). **Calvin and the Bible**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 1-29.

***Doaldo Ferreira Belem***

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Docente da Faculdade do Instituto Bíblico Ebenézer

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: doaldofb@uol.com.br

Recebido em: 23/05/2025

Aprovado em: 26/12/2025